
Peso da indústria no PIB cai a nível dos anos 1950

Apesar do crescimento de 2,2% em 2017, a indústria de transformação vem perdendo espaço na economia e hoje representa 11,8% do PIB, a menor participação desde os anos 1950. **PÁGINA 13**

Setor em retração

Apesar do crescimento em 2017, indústria tem menor participação no PIB desde os anos 1950

MARCELLO CORRÊA

marcello.correa@oglobo.com.br

A indústria de transformação voltou a crescer em 2017 — 2,2% —, mas continuou a perder espaço na economia. Segundo dados divulgados na quinta-feira pelo IBGE, a participação do segmento no Produto Interno Bruto (PIB) caiu para 11,8%, a menor desde os anos 1950. No início da década, esse percentual era de 15% e, nos anos 1980, chegou a superar a casa dos 20%. Mais do que efeito da recessão que abalou o país por mais de dois anos, o fenômeno é estrutural. As consequências, no entanto, dividem especialistas. Parte dos economistas que acompanham o tema afirma que o Brasil passa por um processo de desindustrialização precoce, com consequências nocivas à inovação e à produtividade. Para outros analistas, a perda de espaço das fábricas é um processo natural de mudança do perfil, em que o setor de serviços tende a ganhar cada vez mais protagonismo.

Historicamente, os países que se desenvolvem passam por processos de industrialização, enriquecem e, aos poucos, reduzem a participação do setor na economia. O ponto dos críticos é que o Brasil teria passado por esse processo cedo demais. Segundo dados do Banco Mundial de 2015, os últimos disponíveis para todos os países, o peso da indústria brasileira no PIB, estimado em 11,8% naquele ano, estava abaixo da média mundial, de 16,5%. Por diferenças metodológicas, os números diferem um pouco dos dados do IBGE, que, naquele ano, registrou 12,2%. O indicador brasileiro, no entanto, também estava abaixo do estimado em países vizinhos, como México, Peru e Argentina.

A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) é uma das principais críticas à perda de espaço do setor. Segundo dados compilados pela entidade, a queda estrutural da participação da indústria na economia ocorreu mais rapidamente no país do que no resto do mundo. Estudo da instituição observa que, entre 1975 e 1992, o peso do setor no PIB mundial diminuiu 25%, enquanto, no Brasil, recuou 38%. A entidade também observa que o início do processo ocorreu quando o país tinha PIB *per capita* de US\$ 11 mil, menos que o patamar de US\$ 20 mil observado em países desenvolvidos quando fizeram transição semelhante.

O PROTAGONISMO DOS SERVIÇOS

Rafael Cagnin, economista do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), acrescenta que o país não tem características que justifiquem essa queda.

— Nossa renda *per capita* não é de país desenvolvido. O Brasil está para trás na robotização, não tem um grande fenômeno de *outsourcing* (terceirização de processos da indústria para o exterior). Foram as condições macroeconômicas e sistêmicas que fizeram com que a indústria perdesse espaço, como câmbio desfavorável e custo de capital elevado.

Outra corrente de pesquisadores lembra que o perfil da economia mudou, os serviços ganharam protagonismo, e a ideia de que o país deve ter um parque industrial capaz de suprir todas as cadeias internamente está ultrapassada. O próprio conceito do que conta como valor adicionado no setor mudou ao longo dos anos.

Entre as duas correntes, é comum a crítica às formas de incentivo à indústria nos últimos anos, baseadas principalmente em incentivos fiscais e crédito subsidiado. A queda de participação da indústria na economia brasileira ocorreu mesmo durante os dez anos em que o país teve três versões de programas específicos do governo para estimular o setor. Em 2004, quando o governo Lula lançou a Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior (PITCE), a indústria representava 17,8% do PIB. Em 2015, já no governo Dilma, quando foi apresentado o Plano Brasil Maior (PBM), o indicador havia recuado para 12%.

O atual governo, de Michel Temer, diz que também planeja estratégias. Para o presidente da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), Luiz Augusto Ferreira, não há desindustrialização no país. A instituição, ligada ao governo federal e responsável por gerir políticas industriais, tem como meta elevar a participação do setor no PIB para até 15% nos próximos cinco anos. As ações serão voltadas ao desenvolvimento da indústria 4.0, que incorpora novas tecnologias, como a internet das coisas.

— A ABDI está preparando para o próximo governo duas ou três novas políticas industriais. Não há desindustrialização. O que tem de haver agora é um reacerto do espaço da indústria nacional — afirma Ferreira. ●

PALAVRA DE ESPECIALISTAS

MARCOS LISBOA
ECONOMISTA E
PRESIDENTE DO INSPER

O Brasil optou, em diversos setores, por fazer no país a maior parte da produção, com regras de conteúdo nacional, tentando ter a cadeia inteira aqui. Isso vai na contramão do que o mundo faz, que é identificar áreas em que se é muito eficiente. Nas demais, compra-se de quem faz melhor no mundo. Além disso, o conceito de indústria mudou muito. Hoje, as atividades são muito mais fluidas. A Apple é indústria ou serviço? A parte que gera imenso valor de mercado não tem fábrica. A montagem (na China) vale poucos dólares. O grande valor está na concepção. Sobre política industrial, tivemos uma concepção equivocada. Os problemas fundamentais que prejudicam a produção no Brasil fora da fábrica não foram enfrentados. Nossa estrutura tributária é muito mal desenhada, muito complexa e gera muito litígio. E, no entanto, essa é uma agenda que as lideranças empresariais não adotaram. As lideranças pedem crédito subsidiado e menos impostos. Criamos uma agenda muito equivocada.

JOSÉ LUÍS OREIRO
PROFESSOR DO DEPARTAMENTO
DE ECONOMIA DA UNB

Acho que já não se coloca mais a questão se há desindustrialização ou não. Esse processo se acentuou a partir de 2008. Os defensores de que havia ganharam o debate. A desindustrialização não só está ocorrendo, como reduz as perspectivas de crescimento da economia brasileira. Portanto, fora a retomada cíclica do nível de atividade, que já está posta, é preciso enfrentar essa questão para que o Brasil possa crescer a uma taxa mais robusta e sustentada. Em relação às políticas industriais, se não houver taxas de câmbio e de juros competitivas, é enxugar gelo. Nenhuma das três que tivemos obteve sucesso no que se refere a reverter esse processo, porque foram colocadas num cenário em que os preços macroeconômicos estavam sistematicamente fora do lugar. O segundo ponto é que foram políticas que não tinham desenhados dentro delas mecanismos de contrapartida. O BNDES assumiu um gigantismo em 2008, em função principalmente da crise financeira internacional, quando desapareceram as linhas internacionais de crédito. Só que, depois, durante o governo Dilma, isso passou da conta.

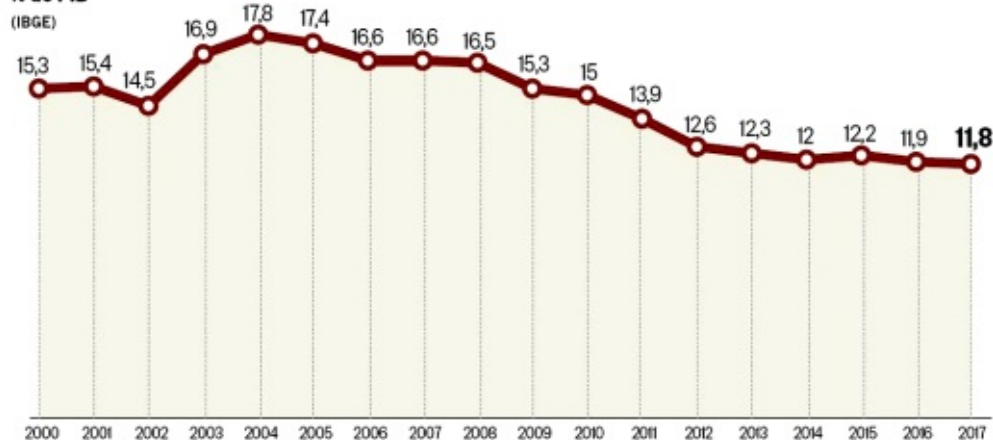
RENATO FRAGELLI
PROFESSOR DA ESCOLA BRASILEIRA DE
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS/FGV

Vivemos no país dos *lobbies*. O servidor diz que tem direito, o empresário diz que tem direito... Cada um puxando a sardinha para o seu lado. Essa discussão da pseudo desindustrialização é simplesmente um evento desses *lobbies*. Temos uma indústria no Brasil que vem diminuindo sua participação no PIB, mas esse fenômeno não é só brasileiro. Existe um ciclo regular. Um país passa por um período de industrialização, em que a população sai do interior, vai trabalhar na indústria, o país enriquece. Chega uma certa hora em que o país atinge uma determinada renda e começa uma migração natural para o setor de serviços. Essa queda da indústria no PIB era previsível. É observada em vários países. A indústria brasileira hoje sofre mais que os outros setores. O de serviços é naturalmente muito protegido, precisa ser prestado no próprio local. A agricultura é particularmente produtiva. O setor ruim no Brasil é a indústria, porque é muito intensiva em mão de obra qualificada. O Brasil, quando resolveu se industrializar, não deu prioridade à educação.

A EVOLUÇÃO DO ÍNDICE

EM DUAS DÉCADAS, O PESO DO SETOR INDUSTRIAL NA ECONOMIA ENCOLHEU

Participação na
economia como
% do PIB

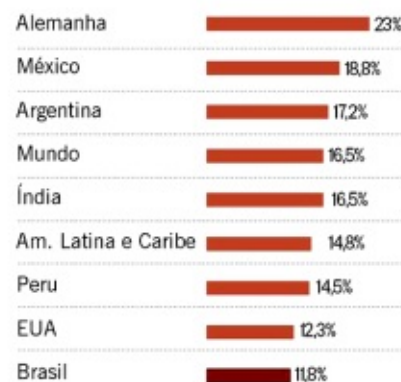


Fontes: IBGE e Banco Mundial *Último ano com dados disponíveis para todos

COMPARAÇÃO INTERNACIONAL

Participação da indústria em 2015*

(BANCO MUNDIAL)



Editoria de Arte



Fenômeno estrutural. A queda da participação da indústria na economia ocorreu mais rapidamente no país do que no resto do mundo. No início da década, o percentual era de 15%